

# 2 ANOS APÓS O DESASTRE

Campineiro recorda pesadelo  
da microexplosão. PÁGINA A10





# MEMÓRIA DO PESADELO

**Dois anos depois da microexplosão que atingiu a RMC, Defesa Civil aperfeiçoa prevenção**

A Rua José Bonifácio Coutinho Nogueira, nas proximidades do Galleria Shopping, foi uma das mais afetadas pelo fenômeno, em 5 de junho de 2016

**Renato Piovesan**

DA AGÊNCIA ANHANGUERA  
renato.piovesan@rac.com.br

A microexplosão atmosférica que arrasou diversos bairros de Campinas, como Taquaral, São Quirino e Jardim Nossa Auxiliadora, além do Distrito de Sosas, completa exatos dois anos hoje. Visando preparar a cidade para novos fenômenos climáticos extremos no futuro, a Defesa Civil de Campinas criou um grupo de trabalho para traçar medidas preventivas e estudar ações conjuntas com a Defesa Civil de outros 11 municí-

pios, além de representantes do Corpo de Bombeiros, Sana-sa, CPqD e Agência Metropolitana de Campinas (Agem-camp). Um encontro realizado ontem no Centro de Conhecimento da Água Sanasa deu o pontapé inicial nos trabalhos.

## Grupo de trabalho começa a traçar as estratégias

Em 2016, uma nuvem carregada de ar, água, granizo e acompanhada de ventos intensos que atingiram até 120km/h deixou um enorme rastro de estragos em Campinas, com cinco pessoas levemente feridas.

Na época, o temporal destruiu parte do telhado do Galleria Shopping e as vitrines de algumas lojas. Ainda houve alagamentos de vias e de veículos, queda de ao menos 120 árvores, desabamentos, destelhamentos de dezenas de casas e interrupção de energia elétrica.

“Vai demorar muitos anos para que haja uma recuperação completa dos anos ao meio ambiente, a fauna e a flora das regiões mais atingidas. No que tange aos imóveis, mais de 1,5 mil pessoas foram

afetadas, mas ao menos houve um restabelecimento. A preocupação agora é nos prepararmos com os protocolos de integração entre os órgãos, para que quando ocorrer outro evento semelhante ou mais grave, possamos estar mais preparados”, destaca Sidnei Furtado, diretor da Defesa Civil.

Ele cita o cenário de caos no País na última semana, em virtude da greve dos caminhoneiros, como uma lição para eventuais fenômenos climáticos. “Passamos por uma situação muito crítica, que mostrou o grau de interdependência entre um órgão e outro. O que aconteceu com os caminhoneiros, com falta de abastecimento em mercados, foi como se ocorresse um grande desastre natural. Ficou a reflexão pra que a Defesa Civil de cada cidade esteja aliada com suas vizinhas, além dos departamentos de tecnologia e meteorologia”, diz.

Desde outubro do ano passado, a Defesa Civil Nacional passou a disponibilizar para a população um serviço de alertas emergenciais por mensagem de celular (SMS) nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Rio Grande

do Sul, Paraná e Santa Catarina. Apesar do recurso, a pesquisadora Ana Ávila, do Centro de Pesquisas Meteorológicas e Climáticas Aplicadas à Agricultura (Cepagri), da Unicamp, acredita que o Brasil ainda precisa melhorar nas ações preventivas.

“Hoje no País ainda não existe uma política focada em ações diretas em termos de informações sobre meteorologia. Infelizmente a tendência é que esses fenômenos intensos e extremos, ou mesmo as longas estiagens que têm sido cada vez mais rotineiras, ocorram com maior frequência nos próximos anos, e é essencial que possamos acompanhar com cada vez mais antecedência o que vier a acontecer pra nos preparar, até porque nossa região é muito urbanizada”, alerta.

## Vandalismo

Logo após a microexplosão, o Galleria Shopping plantou 50 árvores em seu entorno e doou mais de 200 mudas para auxiliar a Prefeitura na reconstrução da cidade. Mas atos de vandalismo impediram que as mudas se desenvolvessem satisfatoriamente.